

**A POÉTICA DE LÚCIO CARDOSO:  
O CATOLICISMO DA TRANSGRESSÃO<sup>21</sup>**

*Fernando Monteiro de Barros (UERJ)*

**São estes tempos exatos os de agora, tempos precisos - não mais vivemos no entardecer crepuscular quando o mal se misturava com o bem e confundia o mundo. Agora, pela graça de Deus, o sol brilha no céu, e aqueles que não temem a luz certamente o louvarão.**

*(Arthur Miller, As feiticeiras de Salem)*

A modernidade que se instalou hegemônica no cenário ocidental a partir da segunda metade do século XVIII trouxe em seu bojo a dicotomização proposta por Sócrates, Platão e Aristóteles e levada a cabo por Descartes no século XVII, época em que se passa a ação transcorrida na peça de Arthur Miller (MILLER, 1984: 85),<sup>22</sup> que, numa alusão ao maccartismo americano dos anos 50, em que supostos comunistas eram denunciados e perseguidos, trata da perseguição das bruxas, pactuadoras com o mal, por parte da comunidade puritana na então colônia de Massachussetts na década de 1690. Os puritanos ingleses do século XVII, antes da vitória e do poderio de Oliver Crommwell, ao terem postulado reformar a Igreja Anglicana, despojando-a de seus resíduos católico-romanos e tornando-a conforme seus preceitos calvinistas, fundamentados na severidade da virtude e no trabalho como meio para se atingir o merecimento de ser um dos eleitos por Deus no reino dos céus, foram perseguidos e partiram para a América do Norte para lá fundarem sua sociedade baseada nos princípios burgueses que, com o tempo, acabariam por explodir o etos do Antigo Regime e instaurar a ordem mundial perante

---

<sup>21</sup> Trabalho apresentado no 1º Congresso de Letras da UERJ – São Gonçalo em setembro 2004.

<sup>22</sup> "This is a sharp time, now, a precise time - we live no longer in the dusky afternoon when evil mixed itself with good and befuddled the world. Now, by God's grace, the shining sun is up, and them that fear not light will surely praise it." A fala é do personagem Danforth, um dos juízes, e está no terceiro ato.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

a qual todos os países têm que se submeter à ética protestante e ao espírito do capitalismo, para citarmos Max Weber.

Na modernidade, "*a razão toma o lugar da revelação*" (TAWNEY, 1971: 24), e a hegemonia teocrática da Igreja Católica Romana, que propunha o mundo como o lugar do desterro e do sofrimento, cede lugar à crescente secularização da sociedade que, aos poucos liberta do jugo de uma hierarquização ritualizadora da imutabilidade dos papéis, que condenava a todos os não pertencentes à casta dominante ao desprestígio, julga-se no direito de obter a felicidade e banir do mundo o sofrimento e o mal.

O pensamento arcaico, pré-socrático, concebia a "mistura" de todas as coisas dentro dos intermináveis ciclos de nascimento e morte, criação e destruição, dia e noite. A concepção de mundo de Heráclito, por exemplo, assenta-se sobre o paradoxo, assim como a de várias outras sociedades arcaicas, como a hindu, para a qual o bem e o mal nada mais são do que expressões ilusórias deste mundo terrestre. A *coincidentia oppositorum*, concomitância dos contrários, está encarnada na figura de Deus inclusive, segundo Mircea Eliade (1969: 105)<sup>23</sup> e Carl-Gustav Jung (JUNG, 1990: 52-57), que apontam para tradições judaicas e cristãs dos primeiros tempos segundo as quais de Deus provém tanto o Bem quanto o Mal, o que é expresso na fraternidade Cristo-Satã: "*ambos aspiram à realeza: um à realeza do céu e o outro ao governo deste mundo, como se o mundo e o tempo tivessem sido partilhados entre os dois irmãos régios*" (*Idem*, p. 41).

A concepção trágica do mundo presente nas sociedades arcaicas implica na imutabilidade do devir a que tudo e todos estão submetidos, tanto prazerosa quanto dolorosamente, ritualizado nas festas dionisíacas. O catolicismo medieval despiu o trágico de sua parcela de alegria, prazer e bem-aventurança material, solenizando apenas o que no devir há de doloroso e mortal.

Com o surgimento da modernidade, na sua aurora que foi o Renascimento e a Reforma protestante, a crença na atuação transformadora do homem sobre o mundo fez com que este se acreditasse capaz de estancar, do devir, todos os seus aspectos desditosos. Re-

---

<sup>23</sup> "Hay ejemplos de creencias y de proverbios rumanos según los cuales Dios y Satán son hermanos."

correndo à dicotomização platônica entre sujeito e objeto, através da razão procurou abolir o paradoxo e instituir a doxa, ou seja, senso comum, através da qual a totalidade primeva é suplantada pela pretensão de uma vitória do sujeito sobre o objeto, da racionalidade sobre a irracionalidade, da ordem sobre o caos, da luz sobre as trevas. De um cristianismo voltado para a dor e a escatologia, com a Reforma passou-se a um cristianismo que vê na prosperidade material decorrente do trabalho a bênção de Deus. A crença no progresso como culminância de um tempo concebido como linha reta evolutiva é colhida da concepção cristã de tempo retilíneo, embora sem sua perspectiva escatológica, que é substituída pela crença no movimento contínuo e infinito do tempo, retirada da visão de mundo arcaica sem levar em conta sua estrutura circular, cíclica, de eterno retorno do mesmo, conforme nos aponta Karl Lowith (LOWITH, 1991: 208).<sup>24</sup>

Derrotado o Antigo Regime, secularizada a sociedade, o catolicismo adequou-se à burguesia vitoriosa, de modo que há mais de um século é identificado à virtude, à bem-aventurança e à moralidade da família, célula-mater da sociedade burguesa, procurando viver "*em harmonia com o mundo, por forma a permanecer aceitável*" (*Idem*. p. 40), abolindo destarte sua originária ritualização e solenização do trágico. Para um pensador do século XIX como Burckhardt, entretanto, "*um Cristianismo reduzido à moralidade e destituído das suas bases sobrenaturais e doutrinárias já não é uma religião*" (*Ibidem*). Num mundo agora guiado exclusivamente pela razão e arrogante em sua auto-confiança, a religião converteu-se num "*elemento salutar da civilização secular*" (*Idem*, p. 41)

À luz destas questões, é interessante vermos como se delinea o posicionamento dos pouco estudados romancistas brasileiros surgidos nos anos 30 e rotulados como "católicos" Lúcio Cardoso (1912-1968) e Octavio de Faria (1908-1980), no contexto do Brasil modernizado de sua época. Ao estudioso da literatura brasileira que nunca se detiver sobre seus textos, limitando-se ao que deles se diz comumente nos manuais de história da literatura, parecerá que se enquadraram no perfil conservador ligado ao catolicismo moderno vincu-

---

<sup>24</sup> "O espírito moderno não é unilateral: elimina da sua perspectiva progressista a implicação cristã da criação e consumação, enquanto assimila da visão antiga do mundo a idéia de um movimento infinito e contínuo, eliminando a sua estrutura circular."

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

lado à moral e aos bons costumes. Entretanto, tal equívoco pode acontecer mesmo aos que se debruçarem sobre a obra dos referidos romancistas, pois Mario Carelli, autor de *Corcel de fogo*, tese sobre a vida e a obra de Lúcio Cardoso, sobre o romance *Crônica da casa assassinada* afirma que: "A causa dos infortúnios se encontra no mistério do mal e seu domínio sobre os homens [pois o que] resulta dessas tempestades passionais são a degradação, a decomposição e a morte" (CARELLI, 1988: 199), equiparando, pois, o romance de Lúcio Cardoso às narrativas exemplares dezenovecasas, romances burgueses de honra e paixão, em que a transgressão é punida com a morte, como *Lucíola*, de José de Alencar, ou *O primo Basílio* de Eca de Queiroz.

Vejamos, pois, o que constitui a verdade, a mentira e a revelação para os referidos romancistas.

O romance *Crônica da casa assassinada* foi publicado em 1959, quando o Brasil vivia a euforia desenvolvimentista do governo do então presidente Juscelino Kubitschek. Tributário do mundo mediterrâneo, espaço em que a concepção arcaica de mundo custou a dar lugar aos postulados da modernidade estrangeira nascida na Europa do norte, e onde já se confluíam as três raças européia, africana e asiática, o Brasil herdou de sua matriz meridional a concepção pré-moderna de mundo, atestada pelos estudos de Gilberto Freyre, principalmente. O processo de modernização sofrido pelo país, começando pelo positivismo republicano e desaguando no projeto modernizador do Estado Novo iniciado em 1930, foi e ainda é por muitos saudado como benéfico e propiciador da equiparação do país às potências do assim auto-intitulado primeiro mundo. Lúcio Cardoso, entretanto, concebia a modernização como produto alienígena e daninho ao território brasileiro. Na resenha ao romance *A menina morta* (1954) de Cornélio Penna, que tem como cenário imponente e feudal fazenda cafeeira do Vale do Paraíba fluminense nos anos em que o Brasil monárquico e escravocrata ainda não se via ameaçado pelos motores revolucionários que o suplantariam, e como personagens os aristocráticos senhores da casa-grande e seus escravos, assim se refere Lúcio ao texto de Cornélio:

Através de uma obra volumosa, vamos sentindo palpitar a música em surdina dessa esplêndida fabulação, que nos retrata, não um Brasil de ontem, como muitos poderiam pensar, mas um Brasil eterno nas suas ra-

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

izes e na sua tragédia. Temos aqui um escritor avançando com segurança no mais belo e mais vivo terreno nacional: e confesso que não encontro outro escritor moderno, entre nós, que assim nos devolva a carne e o espírito de uma pátria perdida, assolada de todos os lados por males estrangeiros e sem grandeza e que aqui, com uma pureza que é seu toque máximo, reencontra sua carnação e seu mistério, e desabrocha aos nossos olhos como uma rosa esquisita, ainda viva e cheia de prestígio (CARDOSO, 5-2-1955: 41)

O estudo de Luiz Costa Lima sobre a obra de Cornélio Penna (LIMA, 1976)<sup>25</sup> ressalta o caráter pré-moderno da Fazenda do Grovão, cenário do romance a que Lúcio se refere: a casa-grande é o espaço do sagrado legitimado, masculino, com sua capela onde missas católicas são celebradas; a clareira na floresta é o espaço do sagrado feminino, opositor ao masculino, onde a misteriosa Senhora da fazenda ajoelha-se e faz suas preces; e a senzala é o espaço do sagrado da feitiçaria africana. Ainda segundo Costa Lima, em *A menina morta* a ordem masculina do senhor da casa-grande vincula-se ao vampirismo, enquanto as personagens femininas recusam a opressão através de sua presença sempre ausente, ou de sua ausência sempre presente, o que as caracteriza como fantasmas, e os escravos são presos pela bruxaria e pelo satanismo. Isto tudo sem contar o tom grave da narrativa, que soleniza a concepção trágica do mundo, vincando o texto de Cornélio Penna de características afins aos romances góticos ingleses do final do século XVIII.

Renunciando à sua tradição de senhores da casa-grande, portanto vampiros e fantasmas do *Ancien Régime* brasileiro, os Meneses da *Crônica da casa assassinada* traem sua verdadeira natureza em prol dos valores da burguesia, vindos no bojo da modernização do país, "males estrangeiros e sem grandeza" que assolam esta pátria, deixando-a "perdida", conforme a resenha de Lúcio sobre o romance de Cornélio, que retrata o "Brasil eterno nas suas raízes e na sua tragédia", da ordem do arcaico configurado no vampirismo e na goticidade, segundo o estudo de Costa Lima.

A moral burguesa assenta-se no bem, na virtude, na "normalidade", ou seja, conformidade ao padrão instituído e legitimado por ser o "da maioria". A transgressão e a diferença são proscritos do es-

---

<sup>25</sup> Capítulos V, VI e VII, referentes a "A menina morta", p. 97-194.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

paço social. [Até pouco tempo atrás a sociedade capitalista moderna ainda não havia descoberto que os diferentes também poderiam consumir e ainda não os reconhecera como lucrativos setores de mercado, legitimando-os através do presente e finissecular recurso do "politicamente correto".] Assim, os legítimos representantes da tradição do Brasil pré-moderno e cornelianiano no romance, a antepassada transgressora Maria Sinhá e Timóteo, o irmão que se veste com as roupas da mãe, são renegados e escondidos como sendo parte de um podre segredo familiar. Com a chegada de Nina, recém-desposada por Valdo, um dos irmãos Meneses, a moral burguesa à qual a família se apegara como sendo da ordem da verdade cai por terra, no que a personagem, encarnadora tanto de Eros, por dar livre curso às suas transgressoras paixões, quanto de Tânetos, por trazer em si o mal fatal que acabará por matá-la, opõe-se, conforme Georges Bataille, ao etos do mundo do trabalho e da razão. Ciente de seu potencial desagregador e revolucionário, Timóteo, o monstro familiar enclausurado, compactua com Nina o desmascaramento da família Meneses: "...é da verdade que se trata - e a verdade é essencial a este mundo" (CARDOSO, 1963: 46), diz o travestido personagem, que se lamenta por, enclausurado, viver seu caráter transgressor apenas como alegoria:

Eu sabia o que me devorava. Sabia o que era a pusilanimidade, o cheiro de jasmim, que decompunha este quarto. Era a ausência de febre, o coração impune. Era todo eu, branco e sem serventia. Olhava minhas mãos brancas, meus pés brancos, minha carne branca - e toda uma náusea, impiedosa e fria, sacudia-me o fundo do ser. Ah, que coisa terrível é a castidade. A castidade, eis o que me devorava. Mãos castas, pés castos, carne mansa e casta. E eu chorava, Nina, porque nada mais me conseguiria fazer arder o sangue, e era sobre esta ruína mole que os Meneses erguiam o indestrutível império de sua mentira (*Idem*. p. 179-180).

Lúcio Cardoso, no romance em questão, subverte as noções correntes [portanto modernas e burguesas] de Bem e de Mal. A casa dos Meneses está a ponto de ruir à vista de todos, e o personagem Padre Justino, ao se dirigir a Ana, esposa do chefe da família Meneses e encarnação da feminilidade traída em sua vaidade e sede de amor, aponta como causa da ruína da casa o apego aos preceitos iluministas:

- O diabo, minha filha, não é como você imagina. Não significa a desordem, mas a certeza e a calma. [...]

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

- Que é que você imagina como uma casa dominada pelo poder do Mal? [...] É uma construção assim, firme nos seus alicerces, segura de suas tradições, consciente da responsabilidade de seu nome. Não é a tradição que se arraiga nela, mas a tradição transformada no único escudo da verdade. [...]

- É o que poderíamos chamar de um lar solidamente erguido neste mundo. [...] Não há nele, de tão definitivo, nenhuma fenda por onde se desvende o Céu (*Idem*. p. 253).

O personagem Padre Justino, na narrativa, expressa as convicções de Lúcio Cardoso acerca da moral burguesa de matriz calvinista que dicotomiza o Bem, associado à virtude e à adequação ao etos vigente, e o Mal, manifestado em tudo que transgrida este etos. Para Lúcio, em primeiro lugar, o etos tributário do Iluminismo afigura-se como "estrangeiro", conforme a já citada resenha sobre o romance de Cornélio Penna e conforme sua visão de mundo expressa em seus romances e artigos. Assim, o caráter sagrado, dionisíaco, da transgressão, conforme Nietzsche e Bataille, é trazido à baila na fala de Padre Justino, ainda dirigindo-se à personagem Ana Meneses:

- Minha filha, falo sobre o pecado. Quero reinstalar o pecado na sua consciência, pois há muito que você banuiu do seu espírito, que o trocou definitivamente pela certeza - que aos seus olhos é a única representação do bem. Não há caos, nem luta, nem temor no fundo do seu ser. Quero reinstalar nele a consciência do pecado, torno a dizer, não pelo terror dele, mas pelo terror do Céu. Imaginemos o Céu a tal altura, que a simples lembrança da morte do Filho de Deus nos arrebate o sossego para sempre. Minha filha, o abismo dos santos não é um abismo de harmonia, mas uma caverna de paixões em luta. [...]

- O senhor quer dizer...

- Quero dizer que nossa essência é desse mundo mesmo, e imaginarmos toda a salvação com nossos pobres olhos é diminuir a grandeza de Deus. Calculemos primeiro nossa derrota, que é a parte do homem, depois o triunfo, que é a parte de Deus. Pois não pode haver triunfo sobre a inexistência - que é a virtude sem luta, a conquista sem fermentação? - e sem a existência do pecado não há triunfo. Compreende agora? (*Idem*. p. 253-254)

Reitera o Padre Justino a importância do pecado na visão nada burguesa do autor sobre o catolicismo:

Ah, essa coisa deblaterada e informe a que chamam pecado, essa vitória dos fortes, [...] de tantos algozes e de tantos carrascos que ao longo do tempo vêm tremulando seu pendão para oprimir e massacrar! [...] Ah! grande pecado maior de não ousar o supremo pecado, para se constituir

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

humano e só, e divisar a Face una e resplandescente, no abismo oposto, que é feito de luz e de perdão! Que dizer a esses melancólicos guardiões de uma virtude sem frutos, que dizer a esses estetas do bem, a esses guerreiros sem violência, sem coragem e sem imaginação para a luta? (*Idem*. p. 440)

No último capítulo do romance, a personagem Ana Meneses, que ao longo de toda a narrativa sofrera a ausência de qualquer paixão, o que a fazia invejar mortalmente a cunhada transgressora [adúltera e incestuosa] Nina, revela ao padre ter uma única vez ao menos conseguido experimentar a transgressão no adultério com Alberto, o jardineiro amante de sua cunhada, de que resultou André, concebido secretamente e tido por todos como filho de Nina. Na confissão do pecaminoso segredo, em seu leito de morte, indaga: "*Padre, e eu, não estou salva também, não pequei como os outros, não existi?*" (*Idem*. p. 448), o que suscita do personagem Padre Justino as reflexões expressas nas derradeiras linhas de *Crônica da casa assassinada*:

Não havia dúvida de que eu poderia dizer: Filha, o que disse é válido. Não somos culpados de que assim o seja, mas é válido. Tantos de nós confundem Deus com a idéia do bem... Tantos O cingem à simples noção de mal que se deve evitar... O bem, no entanto, é uma medida terrena, um recurso dos homens... Como medir com ele o infinito que é Deus? [...] Deus, ai de nós, muitas vezes assume o aspecto do mal. Deus é quase sempre tudo o que rompe a superfície material e dura do nosso existir cotidiano - porque Ele não é o pecado, mas a Graça. Mais ainda: Deus é acontecimento e revelação. Como supô-Lo um movimento estático, um ser de inércia e apaziguamento? Sua lei é a da tempestade, e não a da calma. (*Idem*. p. 449)

Face à hegemonia iluminista da razão e da bondade natural de Deus manifestada nos homens e na natureza, embaixadora da organização social constituída a partir da queda do Antigo Regime, a narrativa do romance em questão afigura-se verdadeiramente subversiva em relação às promessas e aos postulados da modernidade, denunciando seus impasses. Em conformidade com a noção arcaica do sagrado presente no devir paradoxal do mundo, espaço da desrazão e da violência que a modernidade cartesiana e iluminista herdeira da tradição metafísica platônica pretendeu transformar alijando-o do "mal" e da "tempestade", o catolicismo expresso por Lúcio Cardoso em seu romance ressalta o caráter sagrado da transgressão e do interdito, conforme as constatações de Georges Bataille:

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

No estágio pagão da religião, a transgressão fundava o sagrado, cujos aspectos impuros não eram menos sagrados que os aspectos contrários. O conjunto da esfera sagrada se compunha do puro e do impuro. O cristianismo rejeitou a impureza. Rejeitou a culpabilidade, sem a qual o sagrado não é concebível, posto que só a violação do interdito abre o acesso para ele (BATAILLE, 1987: 113).

Bataille continua dizendo que "*só a transgressão possuía, a despeito de seu caráter perigoso, o poder de abrir uma porta para o mundo sagrado*" (*Idem.* p. 115). Entretanto:

O interdito, no mundo cristão, foi absoluto. A transgressão teria revelado o que o cristianismo encobriu: que o sagrado e o interdito se misturavam, que o acesso ao sagrado se faz através da violência de uma infração. O cristianismo salientou, no plano religioso, este paradoxo: o acesso ao sagrado é o Mal; ao mesmo tempo, o Mal é profano. (*Idem.* p. 118)

O cristianismo apontado por Bataille, porém, é o cristianismo da modernidade, do "*mundo do trabalho e da razão*" [burguês e iluminista], que opera a "*redução cristã do sagrado a seu aspecto bem-aventurado*" e a conseqüente "*rejeição cristã do sagrado maldito*" (*Idem.* p. 113). Sabemos, por Michelet, ser a Renascença o começo de uma era em que os homens passariam a valorizar a vida, em seu aspecto alegre e ditoso, e não mais conceber o mundo unicamente como espaço da morte e do sofrimento, conforme a ideologia hegemônica medieval. A violência que regia a sociedade antes do advento dos tempos modernos passou a dar lugar à ordem e à clareza como norteadores do novo modelo de relações entre os homens. Como o mundo medieval era regido pelo primado do pecado e da morte, já que era concebido como desterro, não estaríamos indo longe demais se afirmássemos que o catolicismo medieval trazia em si o sagrado maldito que Bataille opõe ao sagrado reduzido ao seu aspecto bem-aventurado, portanto inócuo, da sociedade moderna cada vez mais secularizada.

Os estilos barroco, romântico em sua vertente byroniana, e decadentista-simbolista cultivaram esse catolicismo pré-moderno, ritualizador e solenizador da crueldade e da volúpia, paradoxal conforme se apresenta nos escritos de Santa Teresa D'Ávila e de Pascal, por exemplo. Lúcio Cardoso mostra, em sua obra, continuá-lo, opondo-se ao farisaísmo do catolicismo moderno, afim ao calvinismo, como podemos ler em seu *Diário*: Lúcio Cardoso, pois, vê o catolicismo autêntico como "*um mundo de santos danados*" (*Idem.* p.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

169), ou seja, um catolicismo anti-moderno, barroco, paradoxal, que refuta a razão e a doxa: "*o espírito cristão é exatamente a loucura, a falta de senso*", pois o Cristo representa o "*perpétuo embate contra o sono e as forças passivas do senso comum*" (*Idem*, p. 199): "*foi Ele, não há dúvida, foi Jesus Cristo quem mais se insurgiu contra a dura tirania da realidade, o despotismo do bom senso e da complicada maquinaria dos fatos comuns*" (*Ibidem*). A modernidade amante apenas do solar e da doxa esvaziou o Cristo de seu verdadeiro conteúdo, de sua verdadeira essência, conforme continua Lúcio Cardoso denunciando em seu *Diário*:

Tenho visto muitas espécies de católicos desagradáveis - nenhum tão irritante quanto o democrata católico. É ele o homem do equilíbrio mediano, das virtudes medianas, dos transportes medianos. Em artigo de fé, todos os sentimentos devem ser extremos. À força de imaginarem uma democracia católica, o que é mais ou menos inimaginável, acabam criando um catolicismo democrático, que só pode ser encarado como heresia. (CARDOSO, [1961]: 161)

Cada dia compreendo mais nitidamente que não perdemos o Cristo, como tantos pensadores modernos gostam de afirmar, mas fizemos pior, porque o substituímos. [...] Cristo, tal como o herdamos dos antigos, exigia que estivéssemos à altura de sua grandeza. Mas preferimos adaptar um outro às nossas minúsculas necessidades, um Cristo ideal ao tempo em que vivemos, standartizado, sindicalizado, racionalizado. Como o personagem do conto famoso de Flaubert, que se ajoelhava diante de um papagaio empalhado, imaginando que fosse o Espírito Santo, assim nos ajoelhamos diante de um Cristo talhado à medida para um tempo sem estatura. É este, sem dúvida, o grande crime da Igreja: ter fornecido às multidões cegas um Deus tranqüilo e sem vitalidade, um Cristo sem martírio e sem lágrimas, talhado nas sacristias e nas confrarias, nas ações e nas Sociedades de classe. Não é este o que encontramos, quando em nós há uma convulsão ou uma ânsia pelas coisas extremas: o que deparamos então é um vácuo que não corresponde mais aos pobres mistifórios, suscintos e bem-comportados, que nos serviram como sucedâneo da Verdade. (*Idem*, p. 241)

Anti-burguês e anti-moderno, o pensamento de Lúcio Cardoso opõe-se ao desejo de harmonia e estabilidade da sociedade industrial, instaurando o paradoxo que engloba a sombra e o caos banidos pela dicotomia metafísica e pela auto-confiança iluminista, denunciando o que considera ser o caráter mentiroso da verdade instituída, causadora da "ruína da casa assassinada", pois de sua esfera é banida a paixão. Diz Lúcio em entrevista concedida a Walmir Ayala quando do lançamento de *Crônica da casa assassinada*: "*não só o livro co-*

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

*mo eu, ou o meu pensamento, significamos apenas uma coisa - rebelião, ou um sentimento de rebelião contra formas de vida endurecidas e sem paixão*" (AYALA, 27-4-1958: 1). O que pode ser aferido no seguinte depoimento dado por Maria Helena Cardoso, irmã de Lúcio, em seu texto memorialista *Vida-vida*, referindo-se a ele pelo apelido familiar de "Nonô":

Vamos esperar, confiar na vontade de Deus, ainda que não o mereça, por ele, pelo seu sofrimento. Quando falo de não merecer não me refiro a ele, mas a mim que, se não me julgo uma grande pecadora, me tenho na conta dos pouco amados por Ele. Sou daqueles sobre os quais disse: "Ai dos mornos, eu os vomitarei pela boca." Antes o pecado, mesmo mortal, que a indiferença que não conduz a nada. Nonô nunca foi morno, errou muito, mas sempre amou a deus com violência. Quisera ter sido uma grande pecadora para agora arrepender-me do fundo do coração. Assim como sou, não sou nada: incolor, inodora e insípida aos olhos de Deus. (CARDOSO, 1973: 133)

Não só em seus textos, mas também em sua vida, Lúcio Cardoso, conforme o depoimento de sua irmã, buscou alcançar a Graça através do pecado.

À primeira vista, o título do *roman-fleuve* de Octavio de Fari-a, *Tragédia burguesa*, constitui um paradoxo, visto a tragédia ser da ordem do devir e do caos, ou, como gênero literário, estar ligada ao imitativo elevado e, portanto, à aristocracia. A burguesia foi a classe que, ao se consolidar e se impor como hegemônica, trouxe consigo a modernidade, que a respaldou, guiada pela razão e confiante na crença na atuação transformadora do homem sobre o mundo, capaz de, na sua pretensão e no seu otimismo, estancar o devir e dele banir a desordem, o mal e o sofrimento. A burguesia estaria mais ligada à comédia, ridicularizadora do discrepante em relação ao senso comum, à poesia subjetiva, lírica, centrada no eu individualista, e ao romance, mormente em suas vertentes folhetinesca e naturalista. De qualquer forma, tais considerações, não pertinentes ao teor do presente estudo, dissolvem-se no confronto com a opinião do romancista carioca acerca da classe por ele retratada nas páginas de sua obra romanesca:

O que é portanto, no fim das contas, o burguês? Alguém? Não. Apenas uma parte de nós mesmos, essa que diz "não" a todos os heroísmos e a todos os sacrifícios, a todos os movimentos para cima. É a parte, em nós, que procura "estabilizar", que aceita e quer gozar do que se tem, é

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

em nós tudo aquilo que é nutrido por valores "baixos". (FARIA, 1985: 121)

Octavio de Faria postula ser o burguês incompatível com a sua concepção de catolicismo, bastante semelhante à de seu amigo e colega Lúcio Cardoso:

Naturalmente, eu não pretendo negar que existem, socialmente falando, os burgueses, a burguesia. mas não é propriamente aos burgueses enquanto se opõem aos proletários no terreno social - ousemos mesmo: no terreno econômico - que é preciso combater. [...] O "burguês", realmente, é alguma coisa de mais fundo. De tão mais fundo mesmo que o burguês não é cristão, não pode ser realmente cristão. O cristianismo exige todo um movimento para cima que fere de morte o burguês. Virado para baixo, o burguês quer conservar e não criar, quer gozar e não sacrificar, quer viver bem, o melhor possível, e não ser herói. (*Idem*. p. 121-122)

Octavio de Faria, portanto, vislumbra a condição trágica vivenciada na modernidade: a do homem exilado num mundo reificado, vulgarizado, embasado por "valores baixos", ausente de qualquer contato com o sagrado, incrédulo das supostas conquistas do progresso, que sabe mascararem incontornáveis impasses. Neste sentido, Octavio filia-se à tradição baudelairiana de desgosto perante a "experiência do choque" de que nos fala Walter Benjamin, sendo a modernidade vivida como esterilidade.

No diário que deixou escrito antes da publicação do primeiro volume da *Tragédia burguesa, Mundos mortos*, saído à lume em 1937, Octavio de Faria planeja a consecução de sua obra, preocupado em nela exprimir suas convicções acerca do catolicismo. Em 10-2-1928, escreve: "*Tenho de arranjar um jeito para exprimir essa idéia: Deus se encontra no fundo da imundície humana ou no alto da montanha*" (*Idem*. p. 91), o que evidencia o caráter paradoxal de sua postura religiosa, contrário aos preceitos modernos segundo os quais Deus está associado apenas ao Bem e à Virtude. Como Lúcio Cardoso, Octavio de Faria crê no pecado como um caminho legítimo de se atingir a Graça. Diz ele em 10-9-1930:

Sinto que se eu conseguir realmente fazer aflorar, sob a forma de romances, esse mar interior, confuso mas já turbilhonante que sinto dentro de mim, será uma catástrofe, um transbordamento a que a minha fraqueza de vontade não poderá provavelmente se opor. Eu sinto dentro desse meu eu super-moral uma formidável carga de mal, de pecado, de carne que grita, que não sei se será humano (para mim) libertar... (*Idem*. p. 92)

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Mesmo diante do que se assoma, o teor religioso nunca é perdido de vista: "*Não esquecer, para a obra em geral, que a idéia básica é a busca de Deus, que só se procura pelo alto e por baixo, no fundo do abismo e no alto do monte*" (*Idem*. p. 93). Sempre paradoxal, a concepção de Octavio de Faria acerca do catolicismo revela-se em todo o seu paroxismo na seguinte passagem de 25-9-1930:

Sensação de que qualquer miséria sexual que acontece (se ainda não me toca) vai acabar me tocando. Vibrarei a todos os golpes. Será uma terrível hiper-sensibilidade. Mas só dela a "obra" poderá sair... como eu queria que saísse. [...] "O que tem de descer" conhecerá toda a miséria do sexo. Rolará. Perderá toda a vergonha. Atingirá um máximo. Sentirá então (ou melhor: não sentirá bem, dada a sua depravação) o grau de queda a que chegou. Ser uma atmosfera de perdição que nem mesmo consigo imaginar. Só quando chegar lá é que poderei saber o caminho a seguir. Provavelmente o da luz que, por se ter atingido o fundo do vale, brilhará para ele. [...] Um tumulto de luz e de sombra - de luz que se mistura com a sombra e de onde emerge uma qualquer coisa que não é luz nem sombra, "aquém da luz e da sombra". Uma espécie de ambiente "sobrenatural". (*Idem*. p. 93-94)

Contrário ao cristianismo moralista e virtuoso da modernidade burguesa, o catolicismo de Lúcio Cardoso e de Octavio de Faria conserva, pois, a dimensão sagrada do erotismo.

A modernidade consolidou-se através do pacto fáustico pelo qual a felicidade acenava como uma conquista exequível. Conforme afirma Ronaldo Lima Lins, "*na Assembléia Nacional francesa, no auge do processo revolucionário, Louis Léon de Saint-Just [...] proclamou a felicidade como uma idéia nova na Europa*". A felicidade, deste modo, "*apresentada assim, em termos sociais, continentais, [...] libertava-se do espaço das aspirações individuais - da permanente negociação com as instâncias divinas - e se transferia para as ruas, para o terreno da exterioridade*", tornando-se, portanto, "*possível mesmo para o mais bruto ou primitivo trabalhador braçal*" (LINS, 1993: 23).

Em outro estudo (LINS, 1996: 30-32), porém, Ronaldo Lima Lins salienta que a arrogância otimista de Voltaire, propositore desta modernidade configurada como promessa de felicidade emancipatória dos homens, não é capaz de abafar e sobrepujar os lamentos e as considerações de Pascal, filósofo do precedente século XVII, reconhecedor da existência cabal do paradoxo que traz em si o ditoso e o

desditoso, e possuidor, portanto, de uma visão trágica da existência. Simpatizante do Jansenismo, corrente católica que concebia o mundo como espaço da queda, do desterro e do sofrimento, e que propunha ao crente a retirada deste mesmo mundo, Pascal percebia, na dor, a bem-aventurança do cristão. Dele diz sua irmã, Mme Périer, no texto "A vida de Pascal", por ocasião de sua enfermidade fatal:

Quando às vezes lhe declaravam que tinham pena dele, respondia que não lastimava o estado em que se achava, que antes temia a cura, e, se lhe indagavam a razão, dizia: "É porque conheço os perigos da saúde e as vantagens da doença". E, como não pudésemos deixar de nos apiedar, no auge de suas dores, observava: "Não vos apiedeis, a doença é o estado natural dos cristãos, porque nela nos achamos como deveríamos estar sempre, isto é, no sofrimento, na dor, na privação de todos os bens e prazeres dos sentidos, isentos de todas as paixões, sem ambição, sem avareza e na espera contínua da morte. Não é assim que os cristãos devem viver? E não é grande felicidade acharmo-nos necessariamente no estado em que nos devemos achar?" (PÉRIER, 1973: 35)

O cristianismo primitivo, voltado para a consumação final do fim dos tempos, perpetuou-se em sua perspectiva escatológica através da Igreja medieval. Diz a oração "Salve Rainha", tida como a mais recitada no século da Peste Negra: "*a Vós bradamos, [nós os] degredados filhos de Eva, a Vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas*". Vários foram os santos que desejaram, ardentemente, a "coroa do martírio", como Santo Antônio de Pádua, que quis ser mandado à África unicamente com o intuito de lá ser supliciado pelos infiéis, o que não aconteceu, entretanto.<sup>26</sup> Santa Teresinha do Menino Jesus, freira carmelita do convento de Lisieux, França, falecida aos 24 anos, vítima de tuberculose, em 1897, diz em um dos manuscritos por ela deixados:

Oh! acima de tudo quisera o martírio, mas eis aí outra loucura, porque eu não desejo um só gênero de suplício, para me satisfazer precisaria sofrê-los todos... Como vós, meu Esposo adorado, eu quisera ser flagelada, crucificada... Quisera morrer esfolada como São Bartolomeu; como São João, quisera ser mergulhada em óleo fervente; ou, como Santo Inácio de Antioquia, ser triturada pelos dentes das feras, a fim de tornar-me um pão digno de Deus; como Santa Inês e Santa Cecília, quisera apre-

---

<sup>26</sup> Conforme nos diz a TREZENA (1995): "Desejo com todo o ardor de minha alma, disse-lhes confidencialmente, tomar o hábito de vossa Ordem. Estou pronto a tudo fazer, com a condição de, depois de me terdes revestido das librés da penitência, me enviardes ao país dos sarracenos, para que também mereça ter parte na coroa de vossos mártires."

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

sentar meu pescoço ao gládio do carrasco, e como Joana D'Arc sobre uma fogueira ardente, murmurar o nome de Jesus! Se meu pensamento se volta para os tormentos desconhecidos que serão a partilha dos cristãos no tempo do anticristo, sinto meu coração estremecer: quisera que estes tormentos me fossem reservados. (MENINO JESUS, 1986: 38-39)

Este catolicismo do sofrimento e do martírio, adequado ao etos medieval presidido pela violência, é, pelos ideólogos da modernidade burguesa, apresentado como anacrônico já que, como vimos, a felicidade acenou como um direito de todos. A crença na práxis, atuação transformadora do homem sobre o mundo, só pode subsistir ao se ter em vista a recompensa de "um mundo melhor" e da felicidade geral da humanidade. Como tal promessa tem se mostrado ineqüível no decorrer de toda a era moderna, o referido viés doloroso e violento do catolicismo afigura-se indesejável ao etos da sociedade moderna, pois denuncia seus incontornáveis impasses, na falência de suas promessas. Assim, a Igreja Católica, no intuito de tentar não perder sua hegemonia, "adaptou-se aos novos tempos", pactuando com a concepção burguesa de cristianismo, eivado de secularização e calvinismo. O bem, a virtude, o apaziguamento e a moral familiar tornaram-se os novos valores norteadores do catolicismo. Contra tal estado de coisas, tem existido uma corrente de pensamento que, ao conjugar pensadores dos mais variados, apresenta como traço comum a perpetuação do caráter sagrado, sobrenatural e trágico da religião, buscado na pré ou anti-modernidade.

Leon Bloy (1846-1917), escritor católico francês que aos dezoito anos trocou um socialismo fanático por um catolicismo inflamado por influência do escritor decadentista Barbey d'Aureville, apresenta em sua obra, apocalíptica e profética, a marca de Deus como um fogo devorador, e postula o abandono a uma Providência todo-poderosa, contrariando a modernidade, na sua então face positivista, que preconiza a atuação transformadora do homem sobre o mundo. Fascinado por uma Idade Média curvada diante de Deus e fundada sobre uma hierarquia de direito divino, Leon Bloy vitupera contra a Renascença e a Reforma protestante, aprovando o massacre conhecido como a noite de São Bartolomeu quando, no século XVI, Maria de Médicis ordenou a matança de toda a população protestante reunida em Paris para o casamento de sua filha Margarida de Navarra. Apesar de ter o povo judeu em alta conta, por ser, na sua opinião, como o povo francês, um povo eleito, Leon Bloy aprova a Inquisi-

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ção, [talvez apenas na sua perseguição aos hereges]. Lamenta a Revolução Francesa e se insurge contra o positivismo de sua época. Cultuador do símbolo, Leon Bloy vê em cada catástrofe, como as guerras de 1870 ou de 1914, o signo de Deus. A dor, presente no centro de sua obra, ao revelar a ignomínia do homem, representa para Bloy a única via de acesso a Deus (DEMOUGIN, 1994: 214).

Algumas frases selecionadas de várias obras de Bloy foram traduzidas e apresentadas por Octavio de Faria no suplemento literário carioca *Letras e Artes* de 6-4-1947, sob o título "Pensamentos de Leon Bloy". Cumpre aqui citar as mais pertinentes ao presente estudo:

Tudo é inútil, exceto o sofrimento." - "Quanto mais alguém se aproxima de Deus, mais fica só. É o infinito da solidão." - "Quando a Providência toma tudo, é para se dar Ela própria." - "Senhor Jesus, orai por quem vos crucifica e crucificai quem vos ama." - "Todo cristão sem heroísmo é um porco." - "Os braços em cruz - gesto para afastar os burgueses e os demônios." - "Quando um grande homem aparece, perguntai primeiro onde está a sua dor. (BLOY, 6-4-1947: 4)

No já aludido e citado diário de Octavio de Faria, o sofrimento também avulta como necessário para se chegar não apenas a Deus, mas também à consecução da obra literária:

Tomar cuidado com tudo o que há de pessoal (portanto de desagradavelmente confundível) nessa "busca" de Deus. Aquela observação de Tristão de Athayde, feita em carta, sobre a minha necessidade de ir ao fundo do abismo para encontrar Deus, responder que, se eu me recuso a "cair", é que há o outro caminho, o do alto da montanha. Cuidar, entretanto, de toda a "queda interior" que se vem dando dentro de mim, mais por atitude do que por tendência. Não esquecer nunca, porém, que essa "atitude" significa procura voluntária do sofrimento, do grande sofrimento, para produzir a obra de arte - sem o pavor da "mediocridade" que a minha experiência própria condicionava. (FARIA, 1985: 93)

Continuador do catolicismo paradoxal e trágico, Octavio de Faria demonstra, em seu pensamento e em sua obra, ser a tragédia do homem moderno a de viver equivocado no seio da sociedade burguesa, protagonista do grande pacto fáustico, desastroso também conforme Marshall Berman:

Hoje, para muita gente, todo o multissecular projeto de modernização aparece como um equívoco desastroso, um ato de arrogância e de maldade cósmicas. E a figura de Fausto surge agora em novo papel simbólico, como o demônio que arrancou a espécie humana de sua unidade

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

primordial com a natureza e impeliu-os ao longo da estrada da catástrofe (BERMAN, 1986: 81).

Diz, com efeito, Octavio de Faria em seu diário no dia 24-5-1934:

O que, em certos dias, odeio no mundo, é o obstáculo que ele representa para o meu "cristianismo". O mundo como obstáculo - o mundo entre eu mesmo e o meu sangue cristão. O mundo que não me deixa viver de acordo com o que há em mim de mais profundo - o meu sangue cristão... (FARIA, 1985: 112).

Perpetuador do catolicismo transgressivo perante o etos do Brasil aburguesado estado-novista, Octavio de Faria lamenta e denuncia, em seus textos, a condição humana reificada num mundo onde o sagrado não mais é ritualizado em seu caráter originário.

Diz Lúcio em um de seus escritos:

...o que mais me interessava no mundo, devo esclarecer aqui, é o terror. Gosto dos tempos bíblicos porque nele o terror era como um elemento à flor da pele, como o ar que se respirava: a qualquer instante Deus poderia fazer sobrevir a catástrofe. Não havia sossego, nem anemia, tudo era grande, desproporcionado, viril: a própria voluptuosidade era extrema, terrível, e sentia-se que à sua sombra a morte espreitava. (CARDOSO, 8-12-1946: 7)

Lúcio Cardoso ressentia-se da falta de heroísmo da moderna sociedade burguesa, construída sobre os "valores baixos" de que falava Octavio de Faria. Entretanto, ao invés de se lamentar pela moderna perda do sagrado, Lúcio evoca a consciência arcaica do devir e a hegemonia da concepção trágica do mundo, conforme a Antiguidade e o catolicismo medieval a concebiam. O seguinte trecho de seu *Diário*, datado de 21 de janeiro de 1951, embora um tanto longo, vale a pena ser transcrito integralmente, pela sua surpreendente representatividade das questões em discussão no presente estudo e pelo antagonismo desabrido aos valores caros à sociedade moderna, herdeira do Iluminismo e de suas promessas de felicidade e bem-aventurança:

Vou com Fregolente à Barra da Tijuca, onde durante algum tempo, infeliz e sem repouso, viajo através de uma multidão feia, triste e sem nenhuma dúvida profundamente desgraçada. Só a desgraça alimenta uma tal sede de divertimento. Aliás, é sempre este o aspecto de um aglomerado que se reúne à procura de esquecimento: os limites humanos surgem com avassaladora nitidez e o rebanho festivo adquire um aspecto con-

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

frangedor, de coisa abandonada e amaldiçoada. Não é precisamente nesses minutos, nesses e não em outros, que ousamos desejar para toda essa gente uma catástrofe comum, uma guerra, uma inundação ou até mesmo um ataque coletivo de insânia ou de crueldade - qualquer coisa enfim que agite essas carnes moles que se estendem ao sol, domesticadas pela preguiça, pelo álcool e por uma sensualidade grosseira e sem profundidade?

Talvez o amanhã pertença a gente dessa espécie - talvez sejam eles os coordenadores do mundo em que começamos a viver. Mas são tão melancólicos e tão estritamente confinados à sua miséria, que possivelmente estão muito longe de perceber o que se passa. O Deus antigo, o Deus do terror e das hecatombes, bem poderia agora esparzir esse sangue bruto ao longo das areias mornas - bem poderia brandir um raio ou soprar uma rajada morna de demência - qualquer coisa finalmente que fizesse sangrar essas almas cativas, tornando-as acordadas e viris. Há uma determinada sonolência da alma, que só o castigo e o medo conseguem afastar. Os ferros do tempo dos escravos ou as tenazes ardentes da Inquisição, tudo serviria para fazer vir à tona das faces uma sombra de sentimento ou de espírito. Mas é inútil sonhar, eles apenas vivem uma agonia sem sentido, enquanto aconchegam ao sol brando, sem amor e sem piedade, as velhas carnes mal-tratadas.

(Inútil conter, é muito forte o sopro de impiedade que me atravessa. Ó carnes abastadas e domingueiras! Custa a crer que tenha havido um mistério da Encarnação, e que um Deus autêntico tenha descido a este mundo para redimir tal rebotalho... Sim, as revoluções, que são exteriores, podem lidar com isto - mas a religião, que fará desta vontade assassina?) (CARDOSO, [1961]: 239-240)

As palavras de Lúcio Cardoso revelam-se proféticas no que apontam para a cada vez mais crescente vulgarização hedonista da burguesia capitalista, agora plenamente triunfante neste final de século globalizado e neo-liberal. Entretanto, ao conclamarem a consumação escatológica, perigosamente se aliam ao totalitarismo e ao fascismo - a barbárie, para Lúcio, é sumamente preferível à civilização. O que, aliás, também pode ser dito a respeito de Leon Bloy. Estaríamos, entretanto, incorrendo em alguma espécie de desmedida moderna ao proferirmos tais opiniões baseadas na bondade e fraternidade iluministas, esquecendo-nos da vinculação dos pensamentos de Lúcio Cardoso e Leon Bloy à visão arcaica do mundo como regido pelo devir, trágico portanto, portador do sofrimento e da crueldade.

A violência e o mal, assim, constituem-se como verdade para o romancista mineiro. Na mentira que revestiu o sagrado apenas de bondade e apaziguamento bem-aventurado, conjurado no cenário moderno apenas para distribuir a felicidade entre os homens, a reve-

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

lação se dá pelo incontornável, pela pedra no caminho da ideologia iluminista moderna constituída através da razão e da doxa: a inevitabilidade do sofrimento e da catástrofe, do lado sombrio que os continuadores da metafísica platônica e do cartesianismo procuraram do mundo extirpar.

Perante as bases solares do mundo moderno, o pensamento de Octavio de Faria e Lúcio Cardoso sobre o que consideram ser o verdadeiro cristianismo denuncia a fragilidade de seu edifício, que não se sustenta quando da irrupção do paradoxo e do desastre, atribuídos quase sempre a um "erro de cálculo", a uma incompetência na execução dos procedimentos regulados pela razão e pela doxa norteadores de suas ações. A infalibilidade atribuída a tais reguladores faz com que seja procurada a culpa pelo malogro ao inimigo portador de alteridade em relação à norma vigente - conforme Platão e Descartes, Deus nunca se manifestaria senão através do Bem e da Ordem.

Segundo os aqui estudados romancistas "católicos" surgidos literariamente nos anos 30, não só o sofrimento, mas também o pecado inclusive, revelam-se como sendo da ordem do cristianismo e de Deus, dando continuidade à concepção pré-moderna de mundo, assim como antes deles já o havia feito Nietzsche.

Embora o devir compreendesse também a felicidade e os aspectos solares, em sua combatividade tais pensadores vêem no trágico apenas o infortúnio como verdade última do homem, o que se conclui pelas palavras de Lúcio Cardoso:

Através de todas as convulsões, o que tentei erguer foi a imagem primitiva do Homem. E ele, como a divindade de Cristo naquele supremo instante de silêncio em que Pilatos o designou, sempre foi mais nítido, sempre foi mais puro, sob a marca candente do Ultraje. (*Idem*, p. 285)

Apresenta-se, assim, como procuramos aqui demonstrar, a verdade, a mentira e a revelação no pensamento católico de Lúcio Cardoso e Octavio de Faria.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYALA, Walmir. Crônica da casa assassinada – a véspera do livro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27-4-1958. p. 1.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987. p. 113.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BLOY, Leon. **In:** FARIA, Octavio de. *Pensamentos de Leon Bloy. Letras e Artes*. Rio de Janeiro, 6-4-1947.
- CARDOSO, Lúcio. Crônica: A menina morta. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 5-2-1955, p. 41.
- . Olhos mortos (IV). *Letras e Artes*. Rio de Janeiro, 8-12-1946. p. 7.
- . *Crônica da casa assassinada*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1963, p. 46.
- . *Diário I*. Rio de Janeiro: Elos, [1961], p. 161.
- CARDOSO, Maria Helena. *Vida-vida: memória*. Rio de Janeiro: José Olympio/Brasília, INL, 1973, p. 133.
- CARELLI, M. *Corcel de fogo: vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988, p. 199.
- DEMOUGIN, Jacques (dir.). *Dictionnaire des Littératures française et étrangères*. Paris: Larousse, 1994, p. 214.
- ELIADE, Mircea. *Mefistofeles y el andrógino*. Trad. Fabian Garcia-Prieto. Madrid: Guadarrama, 1969.
- FARIA, Octávio de. O roteiro de uma tragédia. **In:** —. *Tragédia burguesa: obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Pallas; Brasília: INL, 1985. p. 121.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

JUNG, Carl-Gustav. *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Trad. Pe. Dom mateus Ramalho Rocha. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 52-57.

LIMA, Luiz Costa. *A perversão do trapezista: o romance em Cornélio Penna*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LINS, Ronaldo Lima. As idéias, a alma e a angústia de Pascal: a propósito de um conto de Guimarães Rosa. Range Rede. *Revista de literatura*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 2, inverno de 1996, p. 30-32.

———. *Nossa amiga feroz: breve história da felicidade na expressão contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

LOWITH, Karl. *O sentido da história*. Trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 1991.

MENINO JESUS, Santa Teresa do. O espírito de Santa Teresa do Menino Jesus: conforme seus escritos e as testemunhas oculares de sua vida. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 38-39.

MILLER, Arthur. *The crucible*. London: Penguin, 1984.

*ORAÇÕES e trezena de Santo Antônio*, por um devoto do grande taumaturgo. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

PÉRIER, Mme. *A vida de Pascal*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Col. Os pensadores, XVI). p. 35.

TAWNEY, R.H. *A religião e o surgimento do capitalismo*. Trad. Janete Meiches. São Paulo: Perspectiva, 1971.